

SERVIDÃO HUMANA
POR W. SOMERSET MAUGHAM

Capítulo 1

O dia amanheceu triste e cinzento. As nuvens pesavam e o ar gélido anunciava a neve. Uma criada entrou em um quarto onde uma criança dormia e abriu as cortinas. Ela olhou mecanicamente para a casa em frente, era uma construção requintada com um pórtico, e foi até a cama da criança.

— Acorde, Philip — chamou.

A criada puxou os lençóis, carregou o garoto e o levou até o andar de baixo. Ele estava sonolento.

— Sua mãe quer te ver — disse.

Abriu a porta de um quarto e levou o menino para a cama onde uma mulher estava descansando. Era a mãe dele. Ela estendeu os braços e o garoto, sem nem perguntar por que havia sido acordado, repousou ao seu lado. A mulher beijou os olhos do filho e, com suas mãos finas e pequenas, ela sentiu o calor através da camisola de flanela branca do menino. Ela o abraçou mais forte.

— Você está com sono, querido? — perguntou.

Sua voz estava tão fraca que parecia vir de muito longe. A criança não respondeu, mas sorriu confortavelmente. Ele estava muito feliz naquela cama grande e quente, com aqueles braços macios em volta dele. Tentou se encolher enquanto abraçava e beijava a mãe, ainda sonolento. Ele fechou seus olhos e adormeceu em um segundo. O doutor se aproximou e parou ao lado da cama.

— Por favor, não leve ele ainda — reclamou.

O doutor, sem responder, olhou para ela com uma expressão séria. Sabendo que não poderia ficar com a criança por mais tempo, a mulher o beijou de novo. Ela

passou sua mão pelo corpo do garoto até chegar aos pés dele; segurou o pé direito e sentiu os cinco dedinhos, então, passou devagar sua mão pelo pé esquerdo. Ela choramingou.

— Qual é o problema? — indagou o doutor. — Você está cansada.

Ela balançou a cabeça, incapaz de falar, enquanto as lágrimas rolavam pelo seu rosto. O médico se abaixou.

— Deixe-me levá-lo.

Ela, fraca demais para resistir, entregou o menino. O doutor o devolveu para a enfermeira.

— É melhor você colocá-lo de volta em sua própria cama.

— Sim, senhor. O garotinho, ainda dormindo, foi levado do quarto. Agora, sua mãe chorava de coração partido.

— O que vai acontecer com a pobre criança?

A enfermeira mensal tentou aquietar a mulher que, por causa da exaustão, parou de chorar. O doutor foi até a mesa do outro lado do quarto, onde, embaixo de uma toalha, havia o corpo de um bebê natimorto. Ele levantou a toalha e olhou. Mesmo estando escondido da cama por uma tela, a mulher adivinhou o que o médico estava fazendo.

— Era uma menina ou um menino? — ela sussurrou para a enfermeira.

— Outro garoto.

A mulher não respondeu. Num instante, a enfermeira de Philip voltou. Ela se aproximou da cama.

— Senhor Philip continuou dormindo — disse. Houve uma pausa. Então o doutor sentiu o pulso da paciente de novo.

— Acho que não há nada que eu possa fazer no momento — disse ele. — Liguei de novo depois do café da manhã.

— Eu te acompanharei até a porta, senhor — disse a enfermeira.

Eles desceram as escadas em silêncio. O doutor parou no corredor.

— Você falou com o cunhado da Sra. Carey, certo?

— Sim, senhor.

— Você sabe a que horas ele chegará aqui?

— Não, senhor. Estou esperando um telegrama.

— E o garoto? Acho que ele estaria melhor longe daqui.

— A senhorita Watkin falou que ficaria com ele, senhor.

— Quem é essa?

— É a madrinha dele, senhor. Você acha que a Sra. Carey vai superar?

O doutor balançou a cabeça em negação.

OF HUMAN BONDAGE
BY W. SOMERSET MAUGHAM

Chapter 1

The day broke gray and dull. The clouds hung heavily, and there was a rawness in the air that suggested snow. A woman servant came into a room in which a child was sleeping and drew the curtains. She glanced mechanically at the house opposite, a stucco house with a portico, and went to the child's bed.

"Wake up, Philip," she said.

She pulled down the bed-clothes, took him in her arms, and carried him downstairs. He was only half awake.

"Your mother wants you," she said.

She opened the door of a room on the floor below and took the child over to a bed in which a woman was lying. It was his mother. She stretched out her arms, and the child nestled by her side. He did not ask why he had been awakened. The woman kissed his eyes, and with thin, small hands felt the warm body through his white flannel nightgown. She pressed him closer to herself.

"Are you sleepy, darling?" she said.

Her voice was so weak that it seemed to come already from a great distance. The child did not answer, but smiled comfortably. He was very happy in the large, warm bed, with those soft arms about him. He tried to make himself smaller

still as he cuddled up against his mother, and he kissed her sleepily. In a moment he closed his eyes and was fast asleep. The doctor came forwards and stood by the bed-side.

"Oh, don't take him away yet," she moaned.

The doctor, without answering, looked at her gravely. Knowing she would not be allowed to keep the child much longer, the woman kissed him again; and she passed her hand down his body till she came to his feet; she held the right foot in her hand and felt the five small toes; and then slowly passed her hand over the left one. She gave a sob.

"What's the matter?" said the doctor. "You're tired."

She shook her head, unable to speak, and the tears rolled down her cheeks. The doctor bent down.

"Let me take him."

She was too weak to resist his wish, and she gave the child up. The doctor handed him back to his nurse.

"You'd better put him back in his own bed."

"Very well, sir." The little boy, still sleeping, was taken away. His mother sobbed now broken-heartedly.

"What will happen to him, poor child?"

The monthly nurse tried to quiet her, and presently, from exhaustion, the crying ceased. The doctor walked to a table on the other side of the room, upon which, under a towel, lay the body of a still-born child. He lifted the towel and looked. He was hidden from the bed by a screen, but the woman guessed what he was doing.

"Was it a girl or a boy?" she whispered to the nurse.

"Another boy."

The woman did not answer. In a moment the child's nurse came back. She approached the bed.

"Master Philip never woke up," she said. There was a pause. Then the doctor felt his patient's pulse once more.

"I don't think there's anything I can do just now," he said. "I'll call again after breakfast."

"I'll show you out, sir," said the child's nurse.

They walked downstairs in silence. In the hall the doctor stopped.

"You've sent for Mrs. Carey's brother-in-law, haven't you?"

"Yes, sir."

"D'you know at what time he'll be here?"

"No, sir, I'm expecting a telegram."

"What about the little boy? I should think he'd be better out of the way."

"Miss Watkin said she'd take him, sir."

"Who's she?"

"She's his godmother, sir. D'you think Mrs. Carey will get over it, sir?"

The doctor shook his head.